

O Progresso Catholico

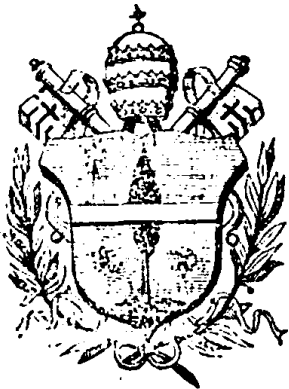
... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.



CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII, PAPA

PELA DIVINA PROVIDENCIA

[Continuação do n.º antecedente]

EM muitas passagens, Santo Agostinho poz admiravelmente em relevo, segundo o seu costume, o valor d'estes bens, sobretudo quando interpella a Igreja Catholica n'estes termos: «Tu diriges e instrues as creanças com ternura, os adolescentes com energia, os velhos com brandura, como o comporta a idade não só do corpo, mas também da alma. Submettes as mulheres aos seus maridos por uma casta e fiel obediencia, não para saciar a paixão, mas para propagar a prole e constituir a sociedade da familia. Dás auctoridade aos maridos sobre suas mulheres, não para que elles abusem da fraqueza do seu sexo, mas para seguir as leis de um sincero amor. Subordinas os filhos aos paes, por uma especie de subjeição livre; e das aos paes auctoridade sobre os filhos para a exercerem com ternura. Unes não somente em sociedade, mas n'uma especie de fraternidade, os cidadãos aos cidadãos, as nações ás nações e a humanidade inteira com a lembrança dos primeiros paes. Ensinas aos reis a velar sobre os povos, e prescreves aos povos que se submettam aos reis. Ensinas com esmero, a quem é devida a honra, a affeição, o respeito, o temor, a consolação, os conselhos, o estímulo, a correção, a censura, o castigo; e fazes saber como é que, não sendo todas as cousas devidas a todos, é devida a todos a caridade, e a ninguém a injustiça.» (1) Em outro logar, o mesmo doutor censura n'estes termos a falsa sabedoria dos politicos philosophos: «Aquelles que dizem que a doutrina de Christo é contraria ao bem do Estado, dêem-nos um exercito de

soldados, taes como os faz a doutrina de Christo, dêem-nos governadores de provincia, paes, filhos, maridos, esposas, senhores, servos, reis, juizes, contribuintes, enfim, recebedores como os quer a doutrina christã! E ousem ainda dizer que ella é contraria ao Estado! Mas antes pelo contrario, não hesitem em confessar que é altamente salutar para o Estado, quando é observada.» (1)

Houve um tempo em que a philosophia do Evangelho governava os Estados. N'esta epocha, a influencia da sabedoria christã e a sua divina virtude introduzia-se nas leis, nas instituições, nos costumes dos povos, em todas as classes e em todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituida por Jesus Christo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, estava por toda a parte florescente, graças ao favor dos principes e á protecção legitima dos magistrados. Então o sacerdocio e o imperio estavam ligados entre si por uma feliz concordia, e amigavel reciprocidade de bons officios. Assim organizada, a sociedade civil deu fructos superiores a toda a expectativa, cuja memoria subsiste e subsistirá, consignada, como está, em innumerous documentos, os quaes nenhum artificio dos adversarios poderá corromper ou obscurecer. — Se a Europa christã dominou as nações barbaras, e as fez passar da ferocidade á brandura, da superstição á verdade; se ella repelliu victoriosamente as invasões musulmanas; se guardou a supremacia da civilização, e se, em tudo que faz honra á humanidade, ella se mostrou constantemente e em toda a parte guia e dominadora; se recompensou os povos com a verdadeira liberdade sob as suas diversas fórmãs; se, mui prudentemente, estabeleceu uma multidão de obras para consolação da miseria, não ha duvida nenhuma que o deve em grande parte á religião, sob cuja inspiração e auxilio empreendeu e realisou tão grandes cousas. — Todos estes bens durariam ainda, se o accordo das duas potencias tivesse perseverado, e haveria razão de os esperar ainda maiores, se a auctoridade, o ensinamento, e os conselhos da Igreja tivessem encontrado uma docilidade mais fiel e mais constante. Porque seria necessario considerar como lei imprescriptivel o que Yvo de Chartres escreveu ao Papa Pascal II: «Quando o imperio e o sacerdocio vivem em boa harmonia, o mundo é bem governado, a Igreja está florescente e fecunda. Mas quando a discordia se mette de permeio, não só as pequenas cousas deixam de crescer, mas as grandes delinham, mesmo, miseravelmente.» (2)

Mas este pernicioso e deploravel espirito de novidade que o seculo XVI viu nascer, depois de ter primeiramente abalado a religião, em breve por uma marcha natural, passou á philosophia e da philosophia a todos os grãos da sociedade civil. E' a esta origem que é necessario fazer remontar estes principios modernos da liberdade desenfreada, cogitados e promulgados entre as grandes perturbações do seculo passado, como os principios e os fundamentos de um *direito moderno*, desconhecido até então, e em mais de um ponto em desacordo não só com o direito christão, mas

(1) De moribus Eccl. cath. c. XXX, n. 63.

(1) Epist. CXXXVIII (al. 5) ad Marcellinum, C. 11 n. 13.

(2) Epist. CXXXVIII.

tambem com o direito natural. — Eis o primeiro de todos esses principios: todos os homens, assim como são da mesma raça e da mesma natureza, são semelhantes e, portanto, eguaes entre si na pratica da vida; cada um se julga tão independente por si, que de fôrma alguma se crê sujeito á auctoridade de outrem: pôde com toda a liberdade pensar em tudo o que quizer, fazer o que lhe apraz, ninguém tem direito de mandar nos outros. N'uma sociedade fundada sobre taes principios, a auctoridade publica não é mais do que a vontade do povo, o qual, dependendo apenas de si proprio, é tambem o unico a governar-se por si. Escolhe os seus mandatarios, mas de tal fôrma que lhes delega menos o direito que a função do poder, para o exercerem em seu nome. A soberania de Deus é olvidada, exactamente como se Deus não existisse, ou não se occupasse com coisa alguma da sociedade do genero humano, ou então como se os homens, quer em particular, quer em sociedade, não tivessem obrigações algumas para com Deus, ou se se podesse imaginar uma soberania qualquer, cuja causa, força e auctoridade não residisse em Deus completamente. D'este modo, como se vê, o Estado não é mais do que a multidão dominando e governando-se por si mesma, e desde que o povo é considerado como a origem de todo o direito e de todo o poder, segue-se que o estado não se julga ligado a nenhuma obrigação para com Deus, não professa oficialmente religião alguma, não trata de saber qual é a unica verdadeira entre-todas, nem de preferir uma ás outras, nem de favorecer qualquer d'ellas, especialmente: mas que deve atribuir a todas a egualdade em direito, com o unico fim de obstar a que perturbem a ordem publica. Por consequencia, cada um será livre em se fazer juiz de toda a questão religiosa, de abraçar a religião que prefere ou de não seguir nenhuma, se nenhuma lhe agrada. D'ahi dimanam necessariamente a liberdade, seja pelas de consciencia, a liberdade absoluta de adorar ou de não adorar a Deus, a licença sem limites não só de pensar, mas tambem de publicar os seus pensamentos.

Assente que o Estado se baseia n'estes principios, hoje muito em voga, é facil de vêr para onde se desterra injustamente a Igreja. — Onde, effectivamente, a pratica está de accordo com taes doutrinas, a religião catholica está no Estado, como equal ou mesmo inferior ás sociedades que se lhe distanciam: Despresam-se as leis ecclesiasticas; a Igreja, que recebeu de Jesus Christo ordem e missão de ensinar todas as nações, vê que lhe tiram toda a gerencia na instrucção publica. — Nas materias que são do direito mixto, os chefes do Estado lavram por si mesmo decretos arbitrarios, e por todos os modos ostentam um soberbo desprezo pelas santas leis da Igreja. Assim fazem depender da sua jurisdicção os casamentos dos christãos; promulgam leis sobre o laço conjugal, sua unidade e estabilidade: apoderam-se dos bens do clero, e negam á Igreja o direito de os possuir. Em summa, tratam a Igreja como se ella não tivesse nem o caracter nem os direitos de uma sociedade perfeita, e fosse simplesmente uma associação semelhante ás que existem no Estado. Finalmente tudo quanto ella tem de direitos, de legitimo poder de acção, tudo elles fazem depender da concessão e da protecção dos governos.

Nos Estados onde a legislação civil deixe á Igreja a sua autonomia, e onde um accordo publico medeiasse entre os dois poderes, grita-se logo que é necessario separar os negocios da Igreja dos negocios do Estado, e isso com o fim de poder obrar impunemente contra a fé jurada, e fazer-se arbitro de tudo, afastando todos os obstaculos. — Mas como a Igreja o não pôde soffrer pacientemente, porque isso seria para ella desertar dos seus maiores e mais sagrados deveres, e como reclama absolutamente o cumprimento religioso da fé que lhe foi jurada, nascem muitas

vezes entre o poder espiritual, e o poder civil conflictos, cujo resultado quasi inevitavel é submeter o que está menos provido de meios humanos ao que os possui em maior quantidade.

Assim n'esta situação politica que muitos favorecem hoje, ha uma tendencia de idéas e de vontades para banir completamente a Igreja da sociedade, ou conservá-la sujeita e presa ao Estado. A maior parte das medidas tomadas pelos governos são inspiradas n'essa intenção. As leis, a administração publica, a educação sem religião, a espoliação e proscricção das ordens religiosas, a destruição do poder temporal dos Pontifices Romanos, tudo visa a esse fim: enervar as instituições christãs, coartar a liberdade da Igreja Catholica e restringir todos os seus direitos.

A simples razão natural demonstra, quanto este modo de entender o governo civil, se affasta da verdade. — A propria natureza, com effecto, testemunha que tudo o que ha de auctoridade entre os homens, procede de Deus, como de uma fonte augusta e suprema. Quanto á soberania do povo, a qual sem respeito algum por Deus, diz-se que reside por direito natural no proprio povo, se é emmentemente propria para lisongear e para inflamar innumeradas paixões, não se baseia, contudo, em nenhum fundamento solido e não poderá ter força bastante para garantir a segurança publica e a conservação pacifica da ordem. Effectivamente, sobre o imperio d'estas doutrinas, os principios fraquejaram a ponto que muitos sustentam ser uma lei imprescriptivel em direito politico, poder illegitimamente promover sedições. Porque prevalece a opinião de que os chefes do governo não são mais do que delegados encarregados de executar a vontade do povo; d'ahi esta consequencia necessaria: que tudo possa igualmente mudar á vontade do povo, e que haja sempre receio de perturbações.

Relativamente á religião, pensar que é indifferente que ella tenha fôrmas dispartadas e contrarias, equivale simplesmente a não querer nem escolher nem seguir nenhuma d'ellas. E' o atheismo em tudo salvo, se tanto, no nome. Todo aquelle que, effectivamente, crê em Deus, para ser consequente e não cair no absurdo, deve necessariamente admitir que os diversos cultos em uso, entre os quaes ha tão grande differença, desigualdade e opposição, até nos pontos mais importantes, não podem ser todos igualmente verdadeiros, igualmente bons, igualmente agradaveis a Deus.

Do mesmo modo a liberdade de pensar e de publicar pela imprensa os seus pensamentos, subtrahida a todas as regras, não é por si um bem de que a sociedade se tenha a felicitar, mas antes a fonte e origem de muitos males. — A liberdade, este elemento de perfeição para o homem, deve applicar-se ao que é verdadeiro e ao que é bom. Ora, a essencia do bem e da verdade não pôde mudar á vontade do homem, mas fica sempre a mesma, não menos imutavel que a propria natureza das cousas. Se a intelligencia adhire a falsas opiniões, se a vontade escolhe o mal e se lhe affeição, nem uma nem outra attinge a sua perfeição, ambas decaem da sua dignidade nativa e corrompem-se. Não é, pois, permittido publicar e expôr aos olhos dos homens o que é contraria á virtude e á verdade, e ainda menos collocar esta licença debaixo da tutela e da protecção das leis. Não ha mais do que um caminho para chegar ao ceu, para o qual todos nós tendemos; é uma vida exemplar. O Estado affasta-se, pois, das regras e das prescripções da natureza, se elle favo ece a licença das opiniões e das acções culpaveis, a ponto de que se possa impunemente desviar os espiritos da verdade e os corações da virtude. Quanto a excluir a Igreja, que o proprio Deus estabeleceu, da vida publica, das leis, da educação da juventude, da sociedade domestica, diremos que é um grande e pernicioso erro. Uma sociedade sem religião não pôde ser bem regu-

lada; e já, mais talvez do que seria preciso, se vê o que vale em si e nas suas consequências esta pretendida moral philosophica, a que chamam *civil*. A verdadeira mestra da virtude e a guarda dos costumes é a Igreja de Christo. E' ella que conserva na sua integridade os principios d'onde derivam os deveres, e que, suggerindo os mais nobres motivos de bem viver, ordena não só que se evitem as más acções, mas tambem que se dominem os movimentos da alma contrarios á razão, ainda mesmo quando se não traduzirem em actos. Pretender sujeitar a Igreja ao poder civil, no exercicio do seu ministerio, é conjunctamente uma grande injustiça e enorme temeridade. Por esta maneira perturba-se a ordem, porque se preferem as cousas naturaes ás sobrenaturaes; faz-se cessar, ou diminue-se certamente muito a affluencia dos bens do que a Igreja, se não tivesse attrictos, encheria a sociedade; e, além d'isso, abre-se o caminho a odios e a luctas das quaes mui frequentes experiencias teem demonstrado a funestissima influencia, tanto n'uma como n'outra sociedade.

Estas doutrinas que a razão humana condemna, e que teem uma tão consideravel influencia na marcha das cousas publicas, os Pontifices Romanos, nossos predecessores na plena consciencia do que reclama d'elles o Cargo Apostolico, nunca consentiram que fossem omittidas impunemente.

Assim é que na sua Carta Encyclica «*Mirari vos*» de 15 de agosto de 1832 Gregorio XVI repelliu com uma grande auctoridade doutrinal o que já então se avançava: que em materia de religião não ha escolha a fazer; que cada qual é senhor de a julgar a seu modo: que cada um só depende da sua consciencia, e pôde, além d'isso, publicar o que pensar e tramar revoluções no Estado. Sobre a separação da Igreja do Estado, este Pontifice exprime-se nos seguintes termos: «Não podemos esperar para a Igreja e para o Estado resultados melhores das tendencias dos que pretendem separar a Igreja do Estado, e romper a concordia mutua entre o sacerdocio e o imperio. E' porque, effectivamente, os fautores de uma liberdade desenfreada recebem essa concordia, que tem sido sempre tão favoravel e salutar aos interesses religiosos e civis.» Do mesmo modo Pio IX todas as vezes que se

lhe offereceu occasião condemnou as falsas opiniões mais em voga, e depois mandou publicar um resumo d'ellas, atin de que n'um diluvio tal de erros os catholicos tivessem uma direcção segura. (1)

D'estas decisões dos soberanos Pontifices é necessario absolutamente admittir, que a origem do poder publico deve attribuir-se a Deus e não á multidão; que o direito ás sedições repugna á razão; que desprezar os deveres e os direitos da religião ou tratar da mesma fórma as diferentes religioes, não é permittido nem aos individuos nem ás sociedades: que a liberdade immoderada de pensar e de emittir em publico os seus pensamentos, não deve nunca enumerar-se entre os direitos dos cidadãos, nem entre as cousas dignas de favor e protecção. Deve egualmente admittir-se que a Igreja, não menos que o Estado, é de sua natureza e direito uma sociedade perfeita; que os depositarios do poder não devem pretender escravisar o subjugar a Igreja, nem diminuir a sua liberdade d'acção dentro da sua esphera, nem tirar-lhe qualquer dos direitos que lhe foram conferidos por Jesus Christo. Nas questões, porém, de direito mixto é plenamente conforme á natureza assim como aos designios de Deus, não separar um poder do outro; e muito menos collocal-os em lucta, mas sim estabelecer entre os mesmos esta concordia que se harmonisa com os attributos speciaes que pertencem a um e a outro.

(Continua).

(1) Basta indicar algumas d'ellas:

Prop. XIX. A Igreja não é uma sociedade verdadeira, perfeita e inteiramente livre, nem tem os seus direitos proprios e constantes que lhe conferiu o seu divino Fundador, mas pertence ao poder civil o definir quaes são os direitos da Igreja e os limites entre os quaes Ella os possa exercer.

Prop. XXXIX. O Estado, como fonte o origem de todos os direitos, tem um direito illimitado.

Prop. LV. A Igreja deve separar se do Estado, e o Estado da Igreja.

Prop. LXXIX... E' falso que a liberdade civil dos cultos e a plena faculdade concedida a cada qual, de manifestar aberta e publicamente quaesquer opiniões ou pensamentos, tenham por fim esromper mais facilmente os costumes e o espirito dos povos, e propagar a peste do indifferentismo

SÊCÇÃO RELIGIOSA

BENEDICAMUS (1)

PARA O NATAL DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

SEQUENCIA

Patrem parit Filia,
Patrem ex quo omnia;
Partus hic ex gratia;
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

Verbum instar seminis
Partum format virginis,
Nihil ibi criminis;
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

A Filha deu á luz o Pae, o Pae de todas as coisas. Este parto é o effeito da graça. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

O Verbo como uma semente fecunda o regaço virginal, onde não ha macula. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

(1) O texto d'este bello poema é tirado do manuscrito do Pedro de Corbeil, poeta christão do seculo XIII, que se encontra na bibliotheca de Sens, em França; mas o seu auctor é S. Bernardo: é pois uma peça rara do seculo XII.

Latet sol in sidere,
Oriens in vespere;
Artifex in opere;
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

Celsus est in humili,
Solidus in fragili,
Figulus in fictili;
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

Venit ad nos humilis
Lucifer mirabilis,
Pro nobis passibilis,
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

Ergo nostra concio
Omni plena gaudio,
Benedicat Domino;
Per gratiam
Traditur et redditur ad patriam.

O sol escondeu-se na estrella, a aurora na tarde, o artifice na sua obra. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

A grandeza e a força está no fragil e no humilde, o oleiro na argilla. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

Elle veio, com humildade a nós o astro admiravel da manhã, e por nós elle quer soffrer. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

Portanto nós que nos achamos aqui todos reunidos n'um transporte de alegria, louvemos o Senhor. Pela graça o Homem-Deus é dado ao mundo e o homem restituído á sua patria.

F. e C.

Mais pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão

(Continuado do n.º 23, do 7.º anno)

CONTINUAMOS, como promettemos, a offerecer aos leitores d'esta Revista mais pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão. Ainda estes não serão os ultimos.

Feliz a alma que tem fixos os seus olhos no ceu: ella estará tão descansada no meio das perturbações como aquelle que, sentado em o rochedo que cae para o mar, está vendo com alegria a peleja das ondas e que tudo se desfaz logo em branda espuma.

*

O servo que conhece a vontade do Senhor e não conforma com ella as suas acções, terá um supplicio muito mais rigoroso. E que cousa mais justa do que proporcionar-se a pena á gravidade da culpa? Assim se comportam os legisladores na disposição da justiça humana: assim Deus na ordem da Justiça Eterna.

*

O ministerio de Parocho não é um ministerio de honra e de utilidade temporal, mas de trabalho, de humiliação e soffrimento.

*

Hade-nos roubar o coração qualquer objecto da terra em que reluz alguma bondade, e o centro, o mar, o abysmo immenso de toda a bondade não ha-de ser capaz de roubar todos os nossos affectos? Diremos que o não amamos

porque o não vemos? Mas se nos consta que alguem nos ama, ainda que nunca lhe vissemos o rosto, já sentimos balanços no coração para o amar; e o nosso Deus ha-de ser de inferior condição? Que é isto? A fé, e a razão não serão mais poderosas em nossos espiritos do que a simples noticia que nos dão as creaturas?

*

Um Bispo é o sol da sua diocese; deve esclarecer-a toda.

*

Deus é fiel, e nunca permite que sejamos tentados sobre as nossas forças: sempre de nós procede a nossa ruina. Declaram-se-nos os meios a que estão ligadas as graças, por exemplo—o uso dos sacramentos, a vigilancia, a oração, a fugida dos perigos que ameaçam a innocencia: desprezamo-los, e dizemos então que queremos salvar-nos. É certamente um querer bem diverso d'aquelle com que proseguimos todos os objectos que alliciam os nossos sentidos, o qual sempre abrange os meios que nos parecem mais convenientes ao fim desejado.

*

Quanto custa a elevar o edificio depois de arruinado!

(Continua)

Padim da Graça—Setembro de 1885.

Padre Joaquim José Soares.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado de pag. 264 do 7.º vol.)

VII

AUTHENTICIDADE DO EVANGELHO

Juizo critico e erroneo dos incredulos.— Os escriptores do seculo I da Igreja.— Os herejes = Falsificação feita por Cerintho e Ebion.— Os escriptores pagãos.— Os Evangelistas.— Reflexões.— As exegeses.— Os auctores idolatras.

ESQUECENDO lamentavelmente as verdadeiras condições da critica, tem-se supposto, com perfida intenção, que os sanctos Evangelhos foram escriptos alguns seculos depois da morte de Jesus: e os incredulos asseguram, com a sua ordinaria leviandade e má fé, que estes livros não foram compostos pelos escriptores cujos nomes elles trazem. Comprehende-se facilmente o embuçado lim de semelhante erro, pois impugnando a antiguidade d'aquellas obras, pode sustentar-se que a moral santa e sublime dos escriptores evangelicos não foi ensinada por Jesus, em razão da difficuldade que haveria em conservar a recordação exacta das suas maximas durante tanto tempo decorrido sem que os christãos as consignassem por escripto. Esta supposição é tão gratuita como absurda, e a sua falsidade demonstra-se sem trabalho.

Conservamos a memoria de todos os successos pela tradição, que partindo de testemunhas presencias é depois confirmada pela respeitavel auctoridade de judiciosos

escriptores. Este meio ensina-nos que Julio Cesar escreveu os Commentarios, Cicero as suas philosophicas, cartas e discursos, e que a Eneida foi composta por Virgilio. Que outra prova se tem exigido para reconhecer a authenticidade d'estes livros? Pois egual direito reclamamos a favor do Evangelho, que a tradição constante da Igreja reúne o testemunho de respeitaveis auctores contemporaneos de Jesus.

S. Lucas escreveu uma chronica sobre os successos occorridos depois da morte do Messias. Este livro dos Actos dos Apostolos foi composto muito tempo antes do sitio e destruição de Jerusalem pelo exercito romano, como nol-o mostra a sua propria narração; e o auctor expressamente diz no primeiro versiculo que elle compozera o seu Evangelho... *Eu Jallei, ó Theophilo, no meu primeiro livro de todas as cousas que Jesus começou a fazer e a ensinar* (1). Hermas, escriptor do seculo I da Igreja, faz menção dos Santos Evangelhos no livro que intitulou o *Pastor* (2). S. Ignacio falla do Evangelho na carta dirigida aos de Smirna (3), e S. Polycarpo, discipulo de S. João Evangelista, na que escreveu aos Philipenses (4). Estes escriptores floresceram no referido primeiro seculo, como S. Clemente, que foi discipulo dos Apostolos, e escrevia as seguintes phrases: «primeiro foram escriptos os Evangelhos que contêm genealogias... «Mas João, levado do impulso do «Espírito Sancto, vendo que estava explicado nos ditos Evangelhos o que pertence ao corpo e á humanidade de Christo, escreveu depois dos referidos Evangelhos um «Evangelho espiritual a pedido de «alguns amigos (5)». Eguaes recordações encontramos nas cartas de S. Dionisio, na Apologia da religião que escreveu Athenagoras, e no seu discurso sobre a resurreição de Jesus Christo; obras todas compostas no segundo seculo. Ha outra memoria sobre a antiguidade do Evangelho nas seguintes palavras de Origenes: *Aprendi por tradição a respeito dos quatro Evangelhos, que só estes se devem receber sem contradicção alguma nas figre-*

jas de Deus. (1). Eusebio Cesariense é um auctor pouco suspeito pela sua grande inclinação ao arianismo, e na historia que escreveu dos tres primeiros seculos da Igreja, referindo-se aos tempos primitivos d'ella, diz, foram enviados differentes missionarios a ensinar pelo mundo a doutrina de Jesus — *levando os livros dos Santos Evangelhos* — Insere um ou outro fragmento dos escriptos de Papias (2), que precisamente contêm textos dos evangelistas Marcos e Matheus (3), e conta a viagem empreendida á India por Pontino com o sancto fim de pregar a religião, achando n'aquelle paiz um exemplar do Evangelho que escrevera S. Matheus (4). Diz são Faustino, na sua bellissima apologia, que os primeiros christãos adoptaram o costume de ler nas suas congregações os sanctos Evangelhos (5), e Tertuliano repetiu aos infieis do seu tempo: *Não escondemos os nossos livros* (6). Leia-se a carta que escreveu S. Ireneu contra os herejes do segundo seculo, e achar-se-ha expressa recordação dos quatro Evangelhos que escreveram S. Matheus, S. Lucas, S. Marcos e S. João, lamentando-se sentidamente das alterações introduzidas no texto evangelico pelos sectarios a quem combate (7). Deverão exirgir-se maiores testemunhos a favor de tão veneravel tradição? Poderá negar-se razoavelmente que os christãos do seculo I conheceram os livros evangelicos?

Além disso, outros inimigos — os judeus e os gentios — combateram a Igreja na sua primeira idade. Menandro, os Nicolaitas, Basilides, os Gnosticos, Valentino, Montano e os Milenarios suscitavam gravissimas perturbações com tantos erros e blasphemias; mas não lhes occorreu porém em duvida, a authenticidade dos sanctos Evangelhos. Só Cerintho e Ebion se atreveram a falsificar o texto evangelico com o fim de combater a Divindade de Jesus Christo, e Marcion alterou o Evangelho de S. Lucas para defender que foi phantastico o corpo de Jesus. Porphyrio, philosopho platonico do seculo III, combateu a religião christã como Celso e o impredor Juliano, sem

que apesar de tamanha animosidade lhes occorresse argumento algum que oppuzessem á authenticidade dos mais importantes livros da Igreja. Omittiriam voluntariamente um meio tão seguro e effizaz de impugnar o chistianismo? Se os antigos e perseverantes inimigos da religião christã reconheceram a authenticidade do sancto e admiravel Evangelho, poderão os incredulos do dia rejeital-o logicamente? Sem tradição tão poderosa reconheceremos em Milton o inspirado auctor do sublime poema que forma a gloria litteraria de Inglaterra, e ter-se ia na conta de minguido de juizo quem questionasse hoje a authenticidade do *Paraíso*.

Continúa.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Convento de Sã em Aveiro

XI

A portaria d'esto convento, davam-se bastantes esmolos, especialmente em quanto os rendimentos não escaceavam.

Quando havia botica, forneciam-se ali gratuitamente muitos remedios a pessoas pobres, especialmente ás que viviam nas proximidades do convento e ás creadas da communidade. Estas eram sempre bem tratadas em suas doenças, e nunca chegavam a ser despedidas, ainda quando a sua idade fosse avançada, e os seus achaques incuraveis e trabalhosos.

Tambem ali se fabricava doco, que era tido como de muito boa qualidade, e cujos proventos eram para o sustento de algumas *recolhidas*, encarregadas d'esses trabalhos.

A communidade d'este convento recebeu espontaneamente, uma infeliz menina, que por occasião da cholera atacar Lisboa, ficára orphã e completamente desvalida. Sustentou a gratuitamente desde 1856, até que, em novembro de 1869, essa menina regressou para a capital, para companhia do seus parentes.

Já depois de não ser muito prospero o estado do convento, ainda dava gratuitamente um remedio para as inflamações dos olhos. A's pessoas, a quem era dado este remedio, (a que vulgarmente chamavam *agua dos olhos*), pediam as religiosas, que como paga rezassem uma *Salve Rainha*, a Nossa Senhora, por intenção da communidade d'aquella casa.

O convento de Sã, ainda depois

1 *Primus quidem sermonem feci de omnibus, o Theophile, quae capit Jesus facere et docere, usque in diem quo praecipiens Apostolis per Spiritum Sanctum quos elegit assumptos est.*

2 *Visio. 2, cap. II; visio. 32, caps. XXXII e XXXIII, etc.*

3 *Num. 3 ad Es. num. 11*

4 *Num. 6, cap VI*

5 *Apud Euseb. lib. IV, cap. XI.*

1 *Ibid. lib. VI.*

2 *Ibid. lib VI.*

3 *Bispo de Hieropolis no seculo I.*

4 *Historia ecclesiastica, liv. III, cap. XXXI.*

5 *Id. id. lib., cap. IX*

6 *S. Faust., Apol. 1, num. 67.*

7 *De praescrip., cap. XXVIII*

8 *Liv. II cap. V*

de 1834, servia de recolhimento ou asylo a muitas senhoras, que para ali foram viver ou por conveniencias de familia ou por falta de meios.

Tambem ali foram educadas, desde tenra idade, muitas donzellas, que mais tarde sahiram para o seio de suas familias ou para tomarem novo estado.

Quando ali se faziam as eleições para os cargos de Abbadessa e mais empregadas na direcção d'esta casa, havia sempre festas esplendidas, a que assistiam, espontaneamente ou por convite, as pessoas mais gradas d'Aveiro. Ainda em 1860, se fizeram essas festas. A ultima eleição, que, em forma, ali teve logar, foi em 1868.

XII

Em novembro de 1869 saíram d'este convento algumas senhoras, para o *instituto* das irmãs de caridade franciscanas, estabelecido em Calais, na França. Este facto, que, em outros tempos, não seria para notar-se e até poderia alcançar elogios, foi motivo de grande reparo. Alguns jornaes occuparam as suas columnas com ásperas censuras, tanto contra aquellas senhoras, como contra as habitadoras d'este convento. O que, principalmente, deu motivo áquellas censuras e maior vulto ao facto foi o tambem retirar-se para Calais uma filha natural de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, e, por tanto, sobrinha de José Estevam. Outros jornaes defenderam o facto ou julgaram-n'o innocente, e sem importancia.

No intento, servio elle de um dos pretextos, para ser extincta esta casa religiosa, o que já era idéa antiga em algumas pessoas, que de todas as vezes, que se fallava nas vantagens do Aveiro se dotado com um corpo de tropa, apontavam o convento de Sá, como aproveitavel para um aquartellamento militar.

Em rasão de varios pedidos ao snr. Bispo de Coimbra, e em virtude das informações d'este prelado, foi cedido por Portaria de 3 de Dezembro de 1884 o edificio do convento de Sá á camara municipal d'Aveiro, para aquelle fim, visto que, pela reforma do exercito de 30 de Outubro do dito anno foi destinado a esta cidade o regimento de cavallaria 10.

Ainda depois d'essa concessão, a ultima freira, as senhoras recolhidas e algumas educandas e creadas continuaram a residir na parte do convento, que fica juncto á igreja, para o que mandou a camara fazer algumas obras indispensaveis,

Em rasão das obras para o aquartellamento militar, foi mister, que as habitadoras d'aquella casa ficassem

sem a cerca e sem o claustro. Como isso lhes prejudicava a saude e tirava muito dos seus comodos; como a parte da casa, que lhes foi concedida, não tinha, por diversas causas, condições de salubridade; como alguns factos e alguns fundados receios de não longa presistencia n'aquella habitação as desgostavam e pudessem trazer em sobresalto, resolveram sair definitivamente d'alli.

Apoz algumas formalidades, prescriptas em taes casos, e em virtude das informações do Prelado da Diocese de Coimbra, foi definitivamente extinto, de facto, o convento da Madre de Deus, de Sá, d'Aveiro, por decreto de 7 de Fevereiro de 1885.

Em 15 de Março d'este mesmo anno, a ultima freira d'este convento dirigio uma carta de despedida ao povo de Aveiro, o que é, ao mesmo tempo um solemne protesto contra o facto de não poder continuar a viver n'aquella casa, a snr.^a D. Anna Benedicta de S. Miguel, a qual professára em 1826 e ali fora recolhida de tenra idade. N'essa despedida manifesta a magoa e a saudade de deixar aquella casa, onde aquella virtuosa senhora esp'rava acabar seus dias.

Em 17 de Março retirou-se para Fernelã, freguezia do concelho de Estarreja. Ali vive em uma casa, de modesta apparencia, em companhia das senhoras D. Maria Emilia Barbeza d'Albuquerque Brandão, descendente de uma familia bem conhecida do Pinheiro da Bompasta e irmã do snr. dr. Manoel Barbosa de Quadros, digno conservador d'esta comarca, e D. Henriqueta Emilia Cedeley Ravara, pertencente a uma familia, bem conhecida, d'Aveiro, o thio do distincto facultativo Arthur Ravara, que actualmente reside em Lisboa. Tambem ali se idem duas jovens, que foram recolhidas no mesmo convento, e algumas creadas, que foram da comunidade.

A casa, em que reside a snr.^a D. Anna Benedicta e as suas companheiras, pertence ao snr. João Francisco das Neves, digno parochio da freguezia de Santo André de Esgueira, que, gratuitamente e espontaneamente, a offereceu para aquelle fim.

Uma das sallas d'esta casa foi transformada em capella, onde ouvem missa e fazem quotidianamente as suas orações.

A egreja da Madre de Deus e a parte do convento, que lhe fica anexa, ainda estão de pé. O resto foi começado a demolir em principios de Fevereiro e está hoje completamente arrasado.

E assim acabou aquelle convento! A sua extincção não podia, por muitos motivos, ser-me indifferente. Por isso, a estes *apontamentos historicos*, escriptos em linguagem familiar e desenfetada, junctarei os meus protestos sinceros de saudosa recordação, por aquella casa religiosa!

Estarreja, Abril de 1885.

Ranjel de Quadros.

SECÇÃO CRITICA

Pateguice ou brejeirice?

PUNDO se intitula do povo e para o povo, quando se quer levar ao seio das camadas socias a desmoralisação, o atheismo e a negação do respeito devido a Deus e ás leis.

Por isso a «Folha do Povo», jornalico socialista de Lisboa, *botando* artigo de fundo no seu n.º de 20 de novembro, poz-lhe por titulo o seguinte já gasto reclame — *O jesuitismo*. Isto basta para que todas as ignorancias do paiz e dos povos que o circutam (isto é, a redacção do dito jornalico e o entregador, porque pouca mais gente lerá o dislatar do papeluxo) se aproximem do grande lumiar da *civilisação*, que só alumia de archote resinoso em punho, para ler o que nós tambem lemos, e que com pasmo vamos tornar conhecido de nossos leitores, sem saber se no tal disparatar lhe havemos chamar *pateguice ou brejeirice*.

Empurraremos para aqui a «Folha do Povo», para que repita o que disse em 20 de novembro, não repetindo tudo porque, para bem entendedor, meia palavra basta.

Tem a palavra a «Folha do Povo»:

«A realza e o jesuitismo têm conservado as mãos dadas, e promovido juntos uma guerra sem treguas ás aspirações liberaes; tanto os reis como os padres têm lançado mão de todos os incidentes politicos, de todos os meios, para alcançarem o estacionamento da actividade mental, e implicitamente o engrandecimento da sua causa.»

Se este pacovio fosse um homem de brio, o que escreveu essas poucas linhas, dir-lhe-hiamos que falta a verdade; mas como não admittimos brio em homens das ruas, arromecemos-lhe ás faces um rasgado — mente.

Pois como tem conservado as mãos dadas a realza e o jesuitismo, se em nome da realza se queimaram vivos, se mumificaram nas masmorras, se

sepultaram no oceano, membros da Companhia de Jesus?

Não comprehendemos, o por isso repetimos a pergunta—isto é *pateguice* ou *brejeirice*?

A do *Povo* dá mostras de querer fallar ainda, e então, abram caminho, deixem-na passar, e escutem-na:

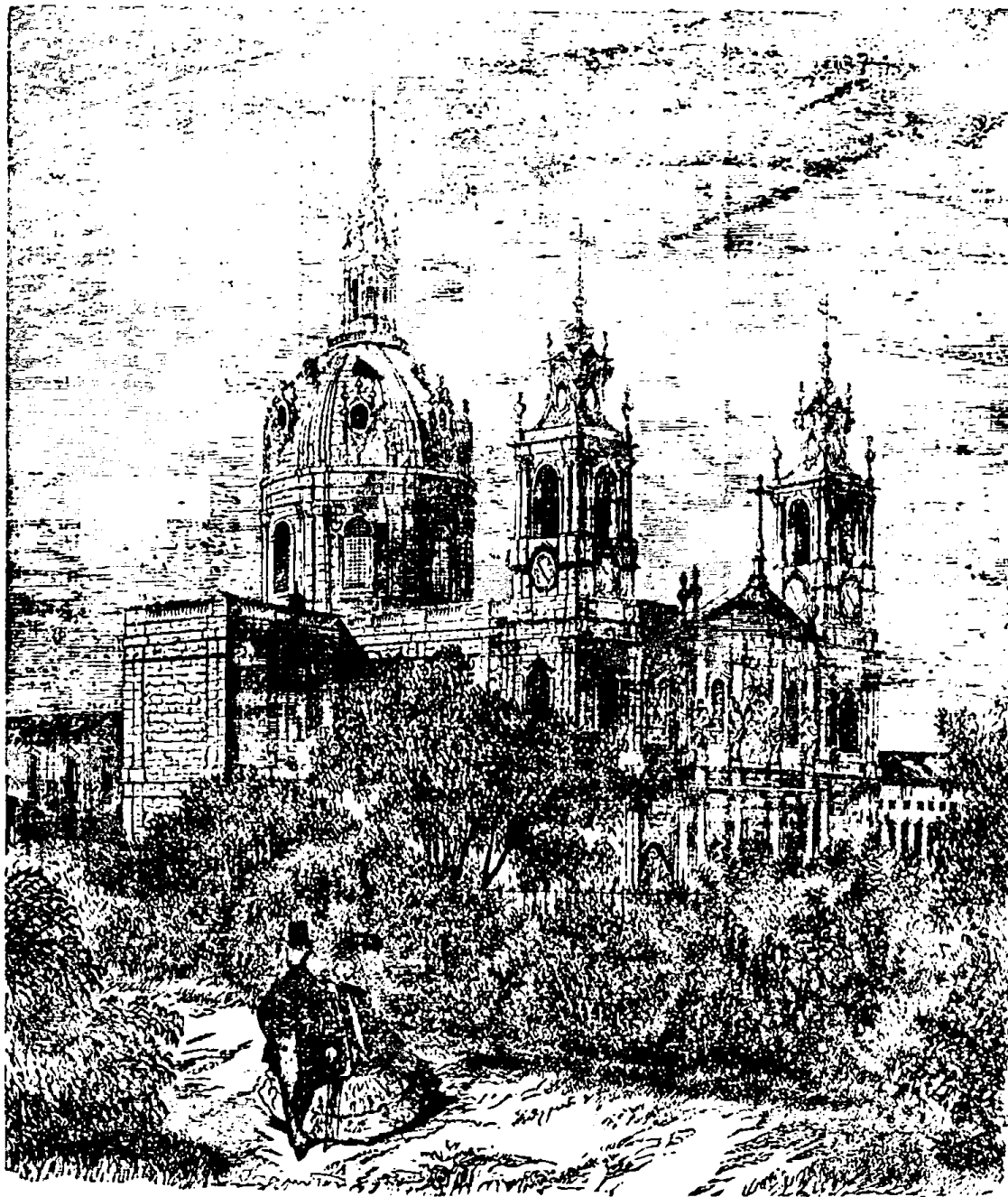
«Ignacio de Loyola, a quem o *Amu-*

la, o confundir espadachim com quichotada. Espadachim se os dictionarios não mentem, é o homem prompto a brigar, a entrar em duellos, etc., etc., quichotada... quem não conhece as proezas de D. Quichote, que só *propunha* duellos a moinhos de vento?

Ainda mais poderamos notar, mas

Nas côrtes, principalmente, é que têm exercido a sua influencia, para por intermedio dos reis e dos nobres pôrem em pratica os seus intuitos.»

«Este *suelto* é que lança tudo por terra, e tapa todas as boccas! Temos primeiro os jesuitas em pouco tempo terem a supremacia sobre todos, signal de que algo valiam, bem mais



BASILICA E CONVENTO DA ESTRELLA EM LISBOA

dis de Gaula e outros livros de cavallaria enthusiasmarão qual outro D. Quichote de la Mancha, foi quem, na impossibilidade de continuar a ser cavalleiro, quiz ser frade, e trocou o ideal cavalleiresco, que o fizera um espadachim, pelo ideal mystico, que o fez um fanatico.»

E' a vez primeira que ouvimos chamar frade a Santo Igaacio de Loyola

isto é bastante para repropuntarmos: isto é *pateguice* ou *brejeirice*?

Deixem fallar o *sabio*; silencio:

«En pouso tempo os jesuitas tiveram a supremacia sobre todos, e eram uma barreira valente contra os progressos da reforma. A obediencia cega é a norma do jesuita; desde que entram para a companhia deixam de ser homens para só serem jesuitas.

que os da do *Povo* que, a pezar de disporem do dinheiro dos Estados, das bayonetas dos ditos, não conseguiram ainda ter supremacia sobre cousa alguma.

Este *escorregão* não o deu por querer a «*Folha do Povo*»; mas tenha paciencia.

Em segundo lugar temos jesuitas sem serem homens, o caso mais ex-

traordinario de que ha memoria desde Adão até nossos dias. Por isso elles, os jesuitas fazem tanto mal! Se elles deixam de ser homens!... E tomos em terceiro lugar os jesuitas nas côrtes, por meio dos reis e dos nobres, põem em pratica os seus intentos. Ora os reis e os nobres, como D. José I e o marquez de Pombal, e os reis da Europa do mesmo tempo, expulsaram, mataram, infamaram os jesuitas; logo os jesuitas, teem-se servido dos reis e dos nobres para conseguiaem a ruina de si proprios.

Isto é pateguice, ou brejeirice?

O homem ainda falla mais; escutem:

«Apoderando-se do ensino, os jesuitas apoderam se das gerações novas, guiando-as para o caminho que lhes convém e aproveitando as diversas aptidões para um unico fim— o dominar a sociedade, para o que infelizes têm elementos como a escola, o púlpito, e o confissionario.»

Se os jesuitas se apoderam do ensino, se tem a escola para por ella dominar a sociedade, é porque a sociedade reconhece n'elles aptidões, que não reconheceu ainda nos *amigos do povo*; e se estes, apesar de terem a imprensa que arrasta as massas, os parlamentos que pram a liberdade, as leis que em nada protegem as mesmas maças, não teem feito o que os jesuitas fizeram logo depois do seu apparecimento na terra, de quem é a culpa? Para que se conspiram contra os jesuitas, se elles só fazem o que outros homens podem fazer? Os jesuitas são grandes mestres? sejam-no os revolucionarios tambem, que ninguem lhe pea o passo.

Mas é que os revolucionarios arrastam as multidões promettendo-lhe o que é dos outros, e os jesuitas arrastam-as ensinando-lhes a respeitar o que aos outros pertence, e é por isso que a propria «Folha do Povo» confessa que o seu grande poder despertou rivalidades e contribuiu tambem para a guerra que lhes moveram.

D'sse muito bom, só lhe faltou acrescentar, e que lhes movem ainda hoje os que não servem nem para varredores das salas onde teem as suas escolas, esses filhos de Santo Ignacio de Loyola.

E ficam sabendo os nossos leitores, se o não sabiam ainda, o que seja um jornal republicano atheu, que se derije ao povo, a esse pobre povo, tão digno de ser bem encaminhado, e a quem os do barrete vermelho querem arrastar para traz das barricadas, arrombando balas e insultos á civilização, que dozoito seculos tem levado a formar! E ficam conhecendo, outro sim, o parlapatismo dos *sabios* de ho-

je, que, em cada artigo de gazeta, em cada discurso, obrigam a gente a perguntar: Isto é pateguice ou brejeirice?

Z.

SECÇÃO LITTERARIA

A Conceição de Maria

8 de dezembro

O' Maria, casto lyrio,
formosa estrella brilhante,
tu és mais bella e radiante,
do que a luz do puro sol!
—Da vida, no mar indomito,
és nosso allivio e conforto;
és nosso seguro porto
e nosso puro pharol!—

Ninguem, derramando lagrimas,
te pede, ó Mãe protectora,
sem ter allivio, Senhora,
e doce consolação;
pois sempre acolhes benefica
toda a humana creatura
com meiguice e com ternura
em teu meigo coração.

Tu, és nos desertos áridos,
que percorremos na vida,
oásis sombra querida
para o triste viajor!
—Oh! quem tivôra uma cythara,
para, com doce poesia,
cantar-te, doce Maria
refugio do peccador!...—

Bem como da aurora rubida,
que as trevas vae dissipando
e nova luz vae mostrando,
nasce do sol o clarão;
desejado tantos seculos,
nasceu de ti, ó Maria,
Jesus, sol de um novo dia,
puro sol da redempção!

Nasceu!... E sempre purissima
ficar, Senhora, pudeste,
e tua candida veste
muito mais bella ficou!
Tu ficaste sempre candida,
e de mil graças o Eterno
teu casto seio materno,
formosa Virgem, dotou!

Que importa, Virgem Santissima,
que neguem tua pureza?!...
—Não perde um astro a belleza
porque o empanou um veu!
Póde uma nuvem passando-lhe,
esconder seu brilho, apenas;
porém, nas noites serenas,
sempre ha-de fulgir no Ceu!—

Querem roubar-te os incredulos
de Virgem-Mãe a corôa!

—Não importa! Sempre sôa
teu nome sem ter igual!—
Ha-de sempre haver catholicos,
que te busquem para abrigo!
—Para provar o que digo,
aponto o meu Portugal!—

Quando, no cimo do Golgotha,
na cruz, pelos peccadores
teu Filho soffria dores,
fel e desprezos tambem,
com voz terna, quasi exanime,
te disse, Virgem Maria,
que fosses a nossa guia,
que fosses a nossa Mãe!

E o que te disse o Unigenito
não foi por ti esquido,
porque tu sempre tens sido
para todos protecção!
E foi por isso que supplice,
com a fé mais verdadeira,
te quiz para padroeira
a Portugueza Nação!

Se, n'esses tempos de Gloria,
alcançou honrada fama
a nobre patria do Gama,
terra e mar a descobrir,
foi porque sinceros canticos,
foi porque preces sinceras,
portuguezas d'essas eras
te sabiam dirigir!

Um rei portuguez recusa-se
pôr a corôa ganhada,
sem que fosse proclamada
pura a tua concepção!
—Elevam-se altas bazilicas,
das mais solidas grandezas,
collocam-se altas emprezas
sob a tua invocação!—

Exempta de toda a macula
sempre te havia julgado,
quem te havia dedicado
o seu coração com fé!
Mas agora não ha duvida!
Quando a santa Egreja falla,
o que lhe obedece calla,
pois Ella infallivel é!

Na paz e nas lides bell'cas,
foi esta terra famosa;
mas a acção mais gloriosa,
acção, que não tem rival,
foi amar-te sob o titulo
de *Concepção*, ó Senhora,
tomar-te por protectora
o nosso bom Portugal.

O' Virgem Senhora, eu peço-te,
que volvas teus meigos olhos,
a este mundo de abrolhos,
a este mar de afflicção.

—Tambem peço, Virgem candida,
n'este jubiloso dia,
dês paz, e fê, e alegria
à Portugueza Nação.—

Rangel de Quadros.

Salvê, Rainha dos anjos!

Salvê dos Anjos, Inclita Princeza!
Salvê Piedosa Mãe, por quem bradamos,
Os tristes desgraçados, que arrastamos,
As cadêas, de que triumphastes elles!

A nós os olhos volve aonde acesa,
Brilha a misericórdia, em que esperamos.
As lagrimas consola que cbaramos;
N'este val, d'amarguras e torpeza,

Virgem das Virgens Soberana
Ouve os ais: os gemidos allivia
Da fragil geração da culpa insana

Eia pois ó Santissima Maria!
Do misero desterro, a turba humana
Clemente á promettida patria guia.

* * *

SECÇÃO ILLUSTRADA

Basilica e convento da Estrella, em Lisboa

A gravura que hoje adorna as paginas do «Progresso Catholico», representa a Basilica do Coração de Jesus, conhecida por convento da Estrella. A rainha D. Maria I, fizera voto de erigir um templo magestoso ao Sagrado Coração de Jesus, se tivesse successor á coroa; realisados os desejos da piedosa soberana deu-se principio ás obras no dia 24 de outubro, de 1779, e 11 annos depois, em 15 de novembro de 1790, era concluido tão arrojado monumento, tomando posse d'elle as religiosas carmelitanas, ou de Santa Thereza de Jesus.

O vasto edificio ergue-se n'um formoso adro, para o qual dá entrada ampla escadaria rodeada de columnatas. A fachada é formosissima e elegante, como a nossa gravura mostra. Tres portas dão entrada para o templo, entre as quaes se levantam quatro columnas, sob que se elevam as estatuas da Fé, Adoração, Liberalidade e Gratidão, e aos lados em nichos as de Santa Thereza de Jesus, Santo Elias, Santa Maria Magdalena de Pazzi. No envasamento das torres abrem-se duas outras portas que dão entrada e serventia para o convento.

O zimbório que parece rasgar as

nuvens, eleva-se magestoso e elegantemente por sobre todos os edificios da capital, podendo ser visto de todas as partes da terra e por todos os viajantes que chegam á barra de Lisboa. Como o zimbório são as torres moldadas pelas da basilica de Mafra, offerecendo o aspecto mais bello, mais formoso que se possa imaginar, comportando onze sinos harmoniosissimos e de colossal grandeza, pezando o que bate as horas 275 arrobas!

Adornam o vestibulo da igreja as estatuas de Nossa Senhora e S. José, e as paredes, e o pavimento do templo, são vestidas de tão variagada colleção de marmores, que, pôde dizer-se, que está ali a mais completa exposição de marmores, dos mais apreciados. É uma formosura o interior do templo!

Na capella-mór, guardando o throno, admiram se dois anjos de aprimorado trabalho, e pôde ver-se tambem, do lado da Epistola o tumulo da fundadora.

Decoram os seis altares do corpo da igreja quadros de grande valor artistico, sendo um d'elles, o do Coração de Maria, pintado pela princeza do Brazil, D. Maria Benedicta.

Toda a obra de esculptura no interior é feita pelo celebre Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre, assim como os baixos relevos da frontaria. Tem o convento outra fachada, não menos bella que a da frente, a qual dá para a cerca do convento.

Este monumento nacional, este padrão que attesta a todas as gerações a piedade de uma rainha de Portugal, custou 16 milhões de cruzados!!

É quem saber os nossos leitores o que o governo d'estes reinos, governo a que preside um Rei, 3.º neto da Rainha fundadora, fez d'essa caza, e o dest no que deu ás religiosas carmelitas que ali estavam em cumprimento de um voto feito a Deus por D. Maria I? Querem saber o que aconteceu ás filhas de Santa Thereza, recolhidas n'aquella casa, fundação real, quando falleceu a ultima freira professa, e o que hade acontecer á mesma casa?

Leiam a seguinte noticia que quasi todos os jornaes da capital deram, quando se consummou o sacrilego attentado:

«Sairam hoje do convento da Estrella as ultimas pupillas que ainda ali existiam.

Por morte da ultima freira saíram logo oito. Duas que se retiraram para casa de suas familias em Lamego, outras tres nas mesmas condições para a Covilhã, duas para Lisboa, onde uma falleceu dias depois, arrebatada pela phytica que de ha muito a minava, e

uma que entrou no convento das Salezias.

As restantes sete recolheram hoje ao convento de Carnide, da ordem dos carmelitas descalços, onde lhes offereceu hospitalidade a unica professa que ainda ali existe.

Quatro partiram pela manhã envoltas em longos veus negros sobre o burel carmelitano; o as tres restantes sahiram do convento ás tres e um quarto. D'entre estas uma conta 85 annos de idade e estava ha tanto tempo no claustro que até já tinha perdido a memoria de quando entrara!

Estiveram presentes á saida o snr. dr. José Gomes de Arouca, administrador do bairro, o snr. padre Monteiro e o snr. Diogo Gomes de Moura, encarregados do inventario, aquelle pelo ordinario, este pela fazenda publica.

Por entre os poucos curiosos que faziam alas na escadaria do adro, passaram soluçando as tres ultimas pupilas.

Pela manhã disseram-se as duas ultimas missas. Foram consumidas as sagradas formulas, apagaram-se as lampadas e desnudaram-se os altares.

No convento os longos corredores estão desertos; as cellas vazias; os leitos de cabeceira de pau santo, com uma cruz marchetada, arrumados a um canto; e por coincidência ou propositalmente o relógio do claustro parado nas 3 e um quarto, hora a que saíram as ultimas habitadoras do mosteiro.

Tudo está varrido, limpo; tudo arrumado com carinho; tudo com o vestigio dos cuidados dados com amor e das saudades profundas d'aquelle grande tumulo, onde aquellas mulheres passaram longos annos de vida.

A unica coisa que ainda fica ornada é a meza do refeitório.

Sobre uma toalha alvissima uma cruz negra com um crucifixo de marfim, aos pés d'este um prato de barro com uma caveira, e ao redor muitas flores artificiaes.

Na lareira já fria da chaminé lá ficou esquecida uma jarra com um punhado de rosas viçosas e frescas!

A'manhã tambem as flores terão deixado de viver!

Sim, amanhã tambem as flores terão deixado de viver! Mas amanhã, o Rei que deixou lançar á rua as religiosas, deixará tambem de viver, e, ao morrer, pôde bem ser que não tenha um throno que deixar aos filhos.

D. Maria I levantou um monumento gigante, que é o primeiro templo de Lisboa, porque Deus lhe dera herdeiro ao throno; o snr. D. Luiz I, que deixou derrocar o convento que uma Rainha erguera, pôde ser que por castigo da Providencia tenha filhos ao

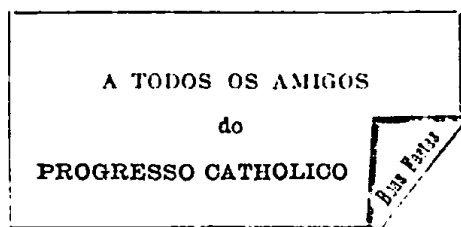
morrer, mas que não tenha throno que lhe legar.

O povo, costumado a ter conventos, abrigo e refugio para todas as desventuras, e a ver n'elles a obra dos reis, ao conhecer que os reis derrubam o que os reis faziam para o povo e pelo povo, dispensará um dia os reis.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

RESTIVERAM em Guimarães, e fizeram-nos a honra da sua visita os Exc.ºs Snrs. José Alvares Pereira de Magalhães e Moura, e Rev.º P.º João Joaquim Gonçalves, visitas que muito agradecemos.



Funereas crepes envolvem os paços dos reis de Portugal, e pesado lucto cobre a nação inteira. O Snr. D. Fernando, pae de El-Rei o Snr. D. Luiz I, falleceu no dia 16 do corrente, ás 2 e meia horas da tarde.

Que Deus haja em sua santa morada a alma do principe fallecido, são os nossos votos.

Descreveramos no passado n.º, ainda que com pallidas cores, a festividade de Nossa Senhora da Conceição na igreja dos Santos Passos. e prometeramos tractar hoje da festividade, que se lhe seguiu na escola e no asylo.

Vamos satisfazer ao que nos propozemos.

Entremos no ingrinaldado edificio, e, subindo as escadas, á direita, penetremos na capella, formoso oasis onde as filhas da caridade vão procurar, na oração, repouso para os arduos deveres do seu ministerio. O asseio, o bom gosto, a boa disposição de todos os objectos, dizem-nos que está ahí, em tudo, a mão da Irmã da Caridade.

Penetremos na sala da escola, e, como aconteceu ao digno sub-inspector d'este circulo escolar, *passemos diante de quadro tão sublime, tão bello, destendido pela Religião, porque só Ella pôde realizar um tal*

conjuncto de aprimoradas bellezas. Estas palavras, ou aproximadas, foram as com que o Snr. Sub-inspector, principiou o seu discurso, que applaudimos, e que agradecemos.

Aberta a sessão pelo dignissimo Provedor da Real Irmandade dos Santos Passos, rompeu o hymno, expressamente feito para esta occasião pelo nosso amigo e notavel compositor de musica o Rev.º P.º Eugenio da Costa Argujo Motta, sendo tocado ao piano pelas alumnas da escola, e pelas mesmas cantado. A letra, mimosa composição do nosso esclarecido amigo, e bem conhecido collaborador do *Progresso Catholico*, o Exc.º Snr. A. Moreira Bello, do Porto, e pelo mesmo offerecida á Mesa e ás benemeritas Hospitaleiras, é a seguinte:

Hymno

Virgem, quem nossos labios tornara
Caudal santo de bella dicção,
Por cantarmos teus dons e bondades
Como os canta o gran rei Salomão!

Coro

Salve, Virgem soberana,
Fulgente Estrella do mar
Que buscas a humanidade
Da gloria ao porto guiar!

Teu carinho, clemencia e ternura
Nossa mente não pôde medir;
Só nossa alma abyssmada é que os sente,
Seu valor incapaz de exprimir.

Quando rugo no mar a tormenta,
Enche a terra de estragos e horror,
Teu olhar poderoso reprime
Da procella o medonho furor.

O contagio que vidas dizima,
E as cidades enlucta feroz,
O seu curso funesto suspende,
Se ouvir fazes a angelica voz.

Se os seus brados de angustia suprema
A creatura subir a ti faz,
De ti descem-lhe o inundam-lhe o seio
De doçura torrentes e paz,

Eia pois, Mãe de amor, a nós baixe
Tua benção que torna feliz:
Pois, com sermos humildes creancinhas,
Nossa bocca fiel te bem diz.

Dá-nos, Iris formoso, hoje e sempre,
Por servir-te, fé pura e leal,
Por honrar-te sem tregoa e tibieza,
A modestia e candor virginal.

Dá-nos, meiga, potente Rainha,
Gratidão fervorosa, sem fim,
Para quem da christã caridade
Sob o manto abrigou-nos assim.

Dá-nos, Virgem, amor desvelado
Para quem com materna, habil mão,
Nos ministra o manná da piedade
Junto ao mel salutar da instrucção.

Esses paes adoptivos e ternos,
Essas candidas mães em Jesus,
Abençoa, Senhora, na terra,
E abre a todos os reinos da luz!

Coro

Salve, Virgem soberana,
Fulgente Estrella do mar,
Que buscas a humanidade
Da gloria ao porto guiar!

A impressão que deixára no publico a execução da musica e do canto foi a mais agradável, e tanto que uma salva de palmas abafou os accordes do piano.

Discursou admiravelmente o depudado por este circulo eleitoral, que ali se achava com o Exc.º Sr. Conde de Margaride. Lembra-nos tambem ter visto ali, os Ex.ºs Srs. Juiz de Direito, Delegado do Procurador Regio, Administrador do Concelho, Ministro da Ordem Seráfica, Presidente da Sociedade Martins Sarmento.

Segue-se a recitação de varias poesias alusivas ao dia e á festa, pelas alumnas, recitando a gentil menina Ludovina Alzira da Luz Ferreira, a esplendida produção poetica do nosso amigo e, por sem duvida primeiro poeta portuguez o Exc.º Snr. Dr. João de Lemos Seixas Castello Branco, sob o titulo de *A Conceição de Maria*.

A menina Candida da Purificação Machado, alumna interna, recitou outra poesia — *A virtude*: a pequenina Anna Mendes d'Oliveira Ribeiro, recitou outra — *Supplica e Poesia*, e ainda outra creancinha, Maria Mendes Ribeiro, um soneto — *A caridade*. Pela naturalidade, compreensão, e elevação de sentimento com que a primeira recitou a *Conceição de Maria*, pela maneira intelligivel e desassombro com que as demais poesias foram recitadas, todas as meninas foram saudadas com entusiasticas "salvas de palmas.

O piano soltava a espaços sublimes notas, mostrando o aproveitamento das alumnas, algumas das quaes de pouco mais de oito annos, vimos tocar a quatro mãos.

Seguiu a distribuição dos premios, que consistiu em livros e diplomas, lembrando-nos ver entre os livros *A Mulher Christã*, e o *Ramallete da Donzella* luxuosamente cartonados.

Em volta da espaçosa sala e collocados em gracioso amphitheatro destendiam-se os trabalhos das pequenas escolares. N'este conjunto de femenis trabalhos, tão variados, tão aprimorados, não sei a qual dar preferencia, porque nem para os apreciar nos achamos competente; mas, de carteira aberta e lapis em punho, e segundo os varios grupos de senhoras que percorrem, em toda a linha, este vasto campo onde durante um anno se fizeram as pacificas batalhas das alumnas da escola de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, nós poderemos dizer alguma cousa. E vamos tental-o.

Chama a nossa attenção pelo aprimorado trabalho, pelo bom gosto na disposição e na forma, não menos que pelo esquesito da lembrança, dois quadros feitos de flores de sola, tendo um no centro formosissimo ramo de cascas de alhos (não se admirem que foi o nome que deram as damas que eu seguia), e o outro um gracioso ramilhete de flores de cera. Estes trabalhos são das meninas Maria da Conceição Freitas Mendes, e Elisa das Dores Freitas Mendes.

Em bordados a lã ha aqui muito que admirar, poude destacar-se um almofadão primorosamente trabalhado, pela menina Virginia da Natividade Freitas Mendes, e outro da menina Anna Mendes d'Oliveira Ribeiro.

Em trabalhos a matis notavam-se os das menina Ludovina Alzira da Luz Ferreira, e em bordados a ouro os das meninas Maria Mendes Ribeiro, e Anna dos Anjos Fernandes.

A menina Claudina da Purificação Machado apresentou um quadro feito de cortiça, de lindissimo effeito, e um outro de filagrana. Em flores artificiaes notamos uma infinidade de trabalhos, quaes d'elles mais bem acabados, de entre todos mencionamos os das meninas Maria da Conceição Freitas Mendes, e Claudina da Purificação Machado.

Em bordados de floco e torçal, ha trabalhos das meninas Roza Estephania e Anna Pinna, e em bordados a branco, é tal a variedade, são tantos os gostos, tão bem delineados os desenhos, que não os podemos mencionar; tal é a variedade!

São primorosos os trabalhos de alguns quadros em espelho, e outros de desenhos; e depois muitos objectos de puro adorno, como sestinhas de pedra, casinhas feitas de palha, grutas de beijinhos do mar etc. etc., o que tudo dá uma ideia

da boa vontade com que n'esta casa se estuda, e do amor com que se ensina.

Esquecia-nos uma variedade de *crochets*, em objectos de uso caseiro, como colchas, pannos de meza, etc. etc.

N'uma palavra, a escola de meninas dos Santos Passos era, no dia 8 de dezembro, uma esplendida exposição de todos os trabalhos proprios da mulher; mas da mulher que se destina á presidencia do lar, aos gosos da familia, ás alegrias da vida privada; e não da mulher que só sabe toucar-se para os theatros; que passa horas a estudar a posição que hade tomar ao passar ovante por meio dos cortezãos; que tem por unica prenda o saber arrastar com elegancia, por sobre os tapetes das salas, a cauda roçagante do seu custoso vestido.

E a quem deve Guimarães a posse de uma casa de instrução como esta? De certo que em parte cabe essa gloria á Real Irmandade que creou a escola; mas a principal, a maior gloria, havemos de apresental-a aos pés das Irmãs Hospitaleiras, d'essas heroicas mulheres que nos acompanham desde as primeiras horas da vida até aos ultimos crepusculos da existencia. Sim, as Irmãs de Caridade, apanhando das lageas da rua as creancinhas abandonadas, e recolhendo-as aos orphanolatos; enclinando ao seio a creancinha que a mãe lhe confia para que a educa; levantando-se, no palor das trevas de terrivel noite que succede a um dia de batalha, para procurar soldados que respirem ainda, para lhe ministrarem os primeiros socorros mesmo sobre a relva ensepada em sangue, e carregando-os ás costas para os conduzir ao primeiro acampamento onde haja um medico; aparecendo nas povoações invadidas pelo cholera, na occasião em que os medicos, os enfermeiros, os funcionarios publicos fogem diante do terrivel invasor; passando noites e noites, nos hospitaes, á cabeceira dos enfermos, dispensando-lhe consolações, recebendo-lhes o ultimo alento, que elles quizeram dar á mãe, á esposa, á irmã, á filha que está longe, que elles não pôdem ali ter, que não verão n'este mundo — tudo isto leitores, não lhes dará o titulo de anjos, que acompanham a humanidade desde os primeiros alvores da existencia até ao seu occaso? Não lhe poderemos chamar as companheiras dos desgraçados em todas as fases da vida?

Assim é, e pena temos de que

nem todos conheçam o que se deve a essas mulheres extraordinarias, a que beijamos, reconhecidos, a fimbria do humilde habito, e de quem nos presamos ser irmão, ainda que indigno.

Um brado, por fim, á meza dos Santos Passos, e com especialidade ao nosso amigo o snr. Antonio Pereira da Silva, que, n'esta occasião mostrou uma actividade extraordinaria, pasmosa!

No nosso Retrospecto do numero anterior entre outros erros, que a prespicacia dos leitores terá corrigido, escapou um de maior monta que não podemos deixar passar.

A paginas 47 2.ª columna, linha 20, onde se lê, *arte de Thalma*, deve ler-se, *arte de Thaleiro*, que é o que queriamos dizer.

Pedro Thaleiro, foi musico portuguez, celebre, no seculo XVI, e entre outras cousas de importancia devo-se a elle bastantes aperfeiçoamentos na execução dos côros na musica sacra. Era a este artista que nós nos referiamos, e não a Thalma, ou Talma, que apenas foi actor tragico francez ainda n'este seculo, e que não podia ser chamado para o nosso caso.

Participam-nos de S. Thiago de Bougado, haver-se festejado alli, no dia 8 do corrente, o 12.º anniversario do estabelecimento do Apostolado da Oração e Liga do Sagrado Coração, n'aquella freguezia, havendo missa cantada e sermão. Além do asseio com que é costume fazer-se alli as festividades, accresceu este anno ser ornado o altar com formosos ramos de flores artificiaes, feitas pelas Irmãs Hospitaleiras de Famalicão.

Este centro é dos mais antigos no Bispado do Porto, e tal é o seu estado de prosperidade, que o anno passado se gastou, de esmolas, 90 e tantos mil reis.

Mil parabens!

Por falta de espaço deixamos para o numero seguinte a secção necrológica, e bem assim a publicação de uma circular dos catholicos da Covilhã, e de um protesto de gratidão dos parochianos da freguezia de N. Senhora da Graça, de S. Thomé, Africa.

Tudo publicaremos no proximo numero.

Nos jornaes da Ilha da Madeira encontramos a noticia da festa que se realisára na Sé do Funchal, no dia 31 de outubro passado, na occasião de ser benzida a bandeira do batalhão de caçadores 12 estacionado n'aquella cidade.

Presidiu á festividade S. Ex.ª Rev.ª

o Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo dignissimo d'aquella diocese.

Subira tambem S. Ex.ª Revd.ª a cadeira da verdade, e fizera um discurso allusivo á cerimonia que se realisava, discurso que mostra assaz o espirito religioso e patriotico do Venerando Prelado da Madeira, contra quem promove guerra infamissima a cohorte dos inimigos da Religião e da Patria, contra quem conspiram os filhos da Revolução, que só estão bem quando algam, sobre as ruinas das sociedades, as cabeças ensanguentadas dos reis.

Bem haja S. Exc.ª Revd.ª, pelo bem que sabe confundir os inimigos de Deus.

.. E, antes de sairmos da Madeira, deixemos archivado n'esta Revista um facto, que os jornaes nos noticiaram, com o qual nós vamos provar mais uma vez a *ignorancia* do clero catholico.

O Revd.º Padre Schmitz, missionario bem conhecido pelos seus serviços e trabalhos oratorios, não contente com prègar em portuguez aos povos do Funchal, quiz mostrar a sua *ignorancia*, prègando em inglez aos soldados de umas embarcações que foram ouvir missa á egreja de S. João Evangelista, e como fosse isto pouco ainda, para mostrar aos arriagas o que vale um pobre padre, dando-se o mesmo caso com a guarnição e tripulação de uns navios allemães, elle, o humilde apostolo, fallou, na lingua allemã, das verdades eternas aos soldados catholicos da marinha do imperador Guilherme.

Pedimos desculpa a S. Revd.ª por aqui deixar o seu nome gravado; mas ha cousas que não podemos deixar de fazer, por estarmos apostado a apresentar em toda a sua nudez a *ignorancia* clerical.

Olhando para o que se passa alem das fronteiras de Portugal, e sem nos dar cuidado que, com a morte de Alfonso XII, de Hespanha, as ruas de Madrid se cubram de republicanos ostentando o barrete phrygio, ou que as cristas das montanhas das provincias vascas se correm de carlitas com as suas boy-nas de variagadas cores, fitamos nossas vistas em Lourdes, montanha santa para onde se prendem todas as attenções do mundo catholico.

Um jornal francez diz-nos que na basilica de Lourdes, desde 25 de agosto até 30 de setembro, commungaram 114:732 pessoas, e que durante 36 dias se celebraram 3:390 missas!

Que espantoso movimento, operado em honra da Santissima Virgem! Que esplendida manifestação

em prol da religião santissima de Jesus!

.. São maravilhosos os progressos que na Inglaterra vae tendo o catholicismo! Creou-se em Londres uma associação, sob a invocação de S. José, a qual fundou um collegio ou seminario em Mill-Hill, d'onde saem missionarios para todos os pontos de Africa, de Asia e America. O Papa recommendou aos ditos missionarios, que se denominam do Sagrado Coração, as missões dos negros dos Estados Unidos, da India, e Borneo.

Na India contam já os padres do Sagrado Coração muitos missionarios dedicados á civilisação dos povos barbaros, e em Borneo teem tambem outros realisado numerosas conversões. Isto é trabalho, realisado por iniciativa da Inglaterra!

Sempre é bom dar a seguinte noticia para que as pessoas interessadas estejam prevenidas:

Um despacho de Paris do dia 2 do corrente dizia que se annunciava para breve uma interpeção ao governo de Republica ácerca da preseguição feita ao clero, principalmente sobre a supressão dos ordenados aos parochos.

Nem tudo eram rozas n'isto de tornar os parochos funcionarios do Estado. Como na França, acontecerá por cá o mesmo, e teremos de ver os parochos a pedir esmola, como se veem já alguns professores primarios.

Seja de França ainda, a noticia que vae ler-se, com a qual se regosijou espantosamente nossa alma.

A's maravilhas de Lourdes, faltava ainda juntar esta, que é dos factos mais tocantes:

Alguns rapazes das melhores familias de França arvoram-se em moços das liteiras dos doentes. Sob a direcção do Conde de Combettes levam os doentes do hospital ás piscinias e á gruta milagrosa.

Espectaculo commovedor. Os filhos dos antigos servidores da França fizeram-se enfermeiros de todas as miserias em Lourdes. Alem d'isso ajudam á missa, commungam todos os dias, passam a noute junto das piscinias, e em toda a parte onde se carece dos seus serviços, apresentam o exemplo da maior dedicação, junto com a piedade mais angelica. N'isto tambem offerece Lourdes um espectáculo que deita por terra todos os habitos do mundo. A sociedade dos liteiros é uma das grandes maravilhas d'este sitio

prodigioso. A Virgem Immaculada tem o seu regimento de jovens soldados da fé, que se constituiram voluntariamente cavaleiros da grande Senhora de Lourdes.

Bravo! mil vezes apoiado! O que ahi lica é lição assaz frisante para os que *gracejam* dos milagres de Lourdes, e que fazem *troça* da devoção que prodigiosamente se vae propagando por toda a terra.

Louvemos a Deus.

Concordamos plenamente com o nosso presadissimo collega brasileiro a *Aurora* e por isso que concordamos, transcrevemos do seu n.º 42 o seguinte, que fazemos como nosso:

« Porque os malcriados, livres-pensadores, anti-clericaes grasnam como corvos e uivam ou gritam como qualquer animal quando vêm algum frade, padre ou clerigo?

E' porque aquelles senhores vivem no meio da corrupção e se alimentam das immundicies da « civilisação », e como os frades são os inimigos naturaes do quanto o corvo revoltã em torno do lodaçal liberal, se assustam e gritam de despeito á sua vista; ou porque qual outro animal se viram contra o inimigo que lhe pretende arrancar a preza.

Ou será porque para atacar-se o Clero nos principios que representa, é necessario começar por declarar-se animal?

E' provavel tambem. De manciara que quando se ouvir: « quã, quã, quã » ou um uivo, não tem duvida, é de um malcriado ou bipede... »

E por tanto, acrescentamos:—é dar-lhe largo caminho e deixar o animalejo.

Porque desenganemos-nos, a guerra feita ao padre é motivada por elle, esse humilde que passa atravez as povoações, envolto no pobre habito, ser mais intelligente que os *espiritos fortes*, por se avantajarem acima de todas essas nulidades, que por ahi são tidas na conta de sabios. Ainda agora os jornaes nos dão uma noticia que dá uma ideia clara do que é o padre, o missionario.

Ora querem ver? Leiam:

« O missionario francez Courtores, ao serviço da missão portugueza em Tete concluiu e vae publicar um dictionario luso—cafre. »

Estes padres!

J. de Freitas.